

# BEATRIZ

OU

OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO.

OPERA COMICA EM 2 ACTOS.

## INTERLOCUTORES.

DAMIÃO DA SILVA, negociante, pai de

BEATRIZ, sobrinha de

GOÇALO, marido de

GUOMAR, mãe de

VALENTIM, estudante.

ERENNE VOLIERE, negociante francez, estabelecido no paiz.

ESTUDANTES, amigos de Valentim.

RIO DE JANEIRO—1711.

*(Direitos de representação e de reprodução reservados ao auctor).*

Esta ópera comica foi como que escripta de improviso no anno de 1844, e revista e refundida muitos annos depois. Ia ser representada quando foi (segundo se pensa geralmente) devorada pelas chaminas, que reduzirão a cinzas pela segunda vez o theatro de S. Pedro de Alcantara, na noite de 8 para 9 de agosto de 1851. Ficou apenas o rascunho (informe sobre o qual a linba reformado e ampliado como uma ópera inteiramente nova, e por muito tempo hesitei se devia ou não restaural-a; si-o agora talvez por um capricho da imaginação, que muitas vezes nos tenta a dar de mão a outras composições para nos entregar ás suas inspirações favoritas e momentaneas.

Differe esta ópera da que foi consumida n'aquelle fatal incendio: tolhido pela memória, que me levava constantemente para a reprodução de scenas traçadas ha tanto tempo, achel-mo sempre como que perdido em um labyrintho de ideias vagas e confusas. A presente ópera so se asimelha á perdida no seu todo ou antes em seu enredo: ha scenas novas que ahí vão na desconfança de que a produção espontanea era muito melhor do que a reprodução quasi forçada.

Valha ao menos a desculpa.

Niteroy, setembro 1860.

## ACTO I.

### A INVASÃO DOS FRANCEZES.

Varanda da casa de Damião da Silva; no fundo intercolumnio com parapetos dos lados e escazaria no centro dando para o jardim; ao longe a barra do Rio de Janeiro; portos lateraes; trastes de jacarandá pesados, ricos, ornados de guadamezins, torneados e tallados ao gosto da época; um oculo de alance preso á parede; quadros de pinturas religiosas sobre vidro. Manhã; o sol ja enche o ceo de luz.

### SCENA I.

VALENTIM, ESTUDANTES.

Côno. Amigos, amigos,  
Vamos a folgar!  
A rir do perigos  
Salhaemos brincar.

Dezembro 13 1860

VAL. Ha sempre na vida  
Um' hora p'ra tudo;  
Apoz o estudo  
Se segue o folgar;  
291

Peça publicada na *Revista Popular* (Rio de Janeiro)

vol. VIII (1860) e IX (1861)

VAL. Ah! Que terrivel catastrophe! Defendiamos então o palacio d'esse imbecil, estúpido e estafermo governador, que veio ao Rio de Janeiro para vergonha nossa, e que teve uma commenda em galar-dão da sua impericia administrativa.

1.º EST. Falla, que as suas espias andão por ahi.

VAL. Não tenho medo. A sua cobardia quasi que causou a nossa desgraça. Guardavamos o seu palacio, e elle a seu commodo, de braços cruzados, no campo do Rosario, e á frente de seus soldados abençoados pelo bispo, esperava na melhor boa fe as ordens de Santo Antonio, que nem se movia nem fazia caso de seu bastão.

2.º EST. Oh diabo! Ja não te compromettes so com Francisco de Castro Moraes, queres tambem te haver com o santo officio? Com el-rei e a inquisição....

Todos. (*Respeitosamente ironicos abaizando a cabeça*). Chitão!

VAL. O resultado d'essa falta de coragem e de medidas energicas e a tempo, foi incendiar-se a polvora da alfandega e voar o edificio e com elle o palacio.

3.º EST. E nossos pobres companheiros que ahi morrerão!

VAL. Cujos corpos nem se quer apparecêrão para receber as honras que se fizerão ao irmão do governador, o mestre de campo Gregorio de Castro e Moraes, que tão nobremente barateou a sua vida pela patria.

1.º EST. E que funeral esplendido, pomposo!!

2.º EST. Parecia mais festa do que entérro!

VAL. E como não havia de ser assim, se elle foi sepultado no meio do regozijo do triumpho e tendo por exequias os hymnos da victória?

OUTRO EST. (*que estere callado até aqui*). Ora muito bem, lembrai-vos d'isso, que estais ahi a adivinhar nova invasão para este anno.

VAL. Que elles tornará a se vingar cedo ou tarde da derrota que soffrêrão, é cousa que não padece dúvida.

2.º EST. E os avisos de Cabo Frio?

3.º EST. São historias de pescadores, que dizem ter visto muitas velas ao longe.

1.º EST. Talvez algum cardume de voadores.

VAL. Venhão embora; se não temos um governador aguerrido digno dos briosos Brasileiros, temos Gaspar da Costa de Atayde, excellent mestre de campo do mar.

2.º EST. Por alcunha o Maquinez. Ora ficm-se n'elle, que afinal ha de fazer das suas.

1.º EST. E aqui estaremos não sei até quando!

VAL. Eia pois, que as canoas ja ahi estão na praia!

CORO. Amigos, amigos,  
Vamos a folgar,;  
A rit de perigos  
Saibamos brincar.

(*Sabem todos pela porta da varanda e se conservão no jardim d'espera de Valentin, que é delido por sua mãe*).

## SCENA II.

VALENTIM, GUIOMAR.

GUIOM. (*Correndo e detendo-o pelo braço*). Valentim, meu Valentim, já t'ho depressa?

VAL. (*A' parte*). Ai que temos demora sobre demora! (*Alto*). Minha mãe?

GUIOM. Estão de partida?

VAL. E já não é cedo.

GUIOM. E' que eu queria te dizer uma cousa... (*Pausa*). Está bem, ficará para a volta; para quando vieres com as tuas tainhas, (*a rir-se*) que eu hei de assal-as n'este dedo.

VAL. (*A' parte*). Eis-me agora afflicto por querer saber o que é. (*Alto, uos estudantes*). Amigos, é caminho, seguí que eu ainda vos apanharei.

*Côco (fôra)*. Amigos, amigos,  
Vairos a folgar;  
A rir de perigos  
Salbamos brincar.

VAL. Elles se retirão. Eu espero alguns minutos; escusa de....

GUIOM. Curioso!

VAL. Assim não nascesse eu de uma mulher.

GUIOM. Não és mais do que um homem. (*Afagando-o*) Com mais vagar, meu filho, com mais vagar; não é cousa que se diga assim em duas palavras, pois me tem dado que pensar não uma, mas muitas noites... e a que tempo vai isso! E apenas hontem me decidi entre as minhas continuas hesitações. Na volta, sim? Na volta, Valentim. (*Beija-o*).

VAL. (*Com indifferença calculada*). Já vejo que não é cousa de grande interesse.

GUIOM. Se é! Nem mais nem menos do que um (*quasi ao ouvido*) ca-sa-men-to.

VAL. (*Rapido, animado, contente*). Casamento? Para mim? Já sei com quem é.

GUIOM. Não és capaz; nada sabes; é impossivel; nem se quer suspeitas.

VAL. Ora! Ora!

GUIOM. Pois então dize com quem é.

VAL. E' com a prima Beatriz.

GUIOM. (*Apressadamente*). Caluda! Faze de conta que eu nada disse.

VAL. E nada dissestes de novo, não ha dúvida; mas eu...

GUIOM. Acaba.

VAL. (*Com importancia*). Não quero.

GUIOM. Não queres?

VAL. Não.

GUIOM. E porque?

VAL. Porque sim.

GUIOM. Valentim, vem cá! (*Tomando-o pelo braço*). Olha, meu

filho, que não estou brincando. A prima possui cem mil cruzados de herança.

VAL. É muita coisa para mim, que não tenho um vintem de meu! É melhor que ella se case com quem tiver outro tanto.

GUIOM. Isso é justamente o que eu não queria. Trabalho, e trabalho muito, meu filho, para que essa fortuna não caia nas mãos de alguém que não sejas tu... e teu tio....

VAL. E meu tio não gosta de mim, e as canoas lá estão á nossa espera. (*Impaciente*). Os meus amigos já maldizem da minha demora.

GUIOM. Pois vai, meu filho, vai; pensa no que te digo; já tens barba e já deves ter juizo.

VAL. Sim, senhora; consultarei as minhas barbas, mas por hoje vou pol-as de mólho nas aguas de Icarahy. Deitai-me a vossa benção (*beijando-lhe a mão*) e deixai-me ir com Deus.

GUIOM. Vai sempre com elle.

VAL. (*Partindo*).

Amigos, amigos,  
Váteis a folgar;  
A tir de perigos  
Salvamos brincar.

(*O coro repete ao longe o estribilho; a musca morre insensivelmente afastando-se e perdendo-se; Guiomar, que ficara encostada á um dos parapetos da varanda, volta ao presente*).

### SCENA III.

GUIOMAR, *so e tristemente*.

GUIOM. Amo-o! Amo-o extremosamente. Ah! Duvido que possa haver mãe que se abraze em amor mais puro do que eu para com o objecto das suas entranhas. Entretanto, ah! filhos ingratos! Elle não me retribue com igual amor! Foge de meus braços, esquiva-se a meus carinhos e so se julga feliz quando existe entre os seus amigos no meio de suas distrações. Vai. O Senhor te guie e te acompanhe.

Vai e volta, ó caro filho,  
Sempre na graça de Deus;  
Ouça o ceo as minhas preces,  
Ouça o ceo os votos meus.

### SCENA IV.

GUIOMAR, GONÇALO.

GUIOM. Oh! Como estás tão guapo, tão sécio! Aonde te botas assim, meu marido?

GONÇ. Vou á missa.

GUIOM. A' missa? Hoje segunda feira? Pois o Sr. Gonçalo não costuma ir á missa pela madrugada, excepto nos domingos, embuçado no seu capote de saragoça?

GONÇ. Bofé que sim, mas hoje dormi de mais e...

GUIOM. (*A' parte*). Aqui ha cousa! (*Alto*). E não podes perder uma unica missa que seja?

GONÇ. E a minha promessa?

GUIOM. O que eu gabo é a tua devoção, mas enfim.... Oh! é verdade; lembras-te do que se passou esta noite entre nós? Pois já falei a nosso filho.

GONÇ. E elle o que te disse? (*A' parte*). Que zanga!

GUIOM. Hesitou ao principio; ficou assim como quem não quer a cousa, mas acabará por querer.

GONÇ. Pois o melhor é que não queira.

GUIOM. Como?

GONÇ. Já mudai de intenção.

GUIOM. O que dizes?

GONÇ. Estou no meu primeiro proposito. Valentim deve ser padre.

GUIOM. Padre? Padre? E aonde vamos nós parar com tantos padres?

GONÇ. E' costume que já vem la muito de cima; nossos paes sempre dedicarão os seus primogenitos á vida ecclesiastica, ao verdadeiro serviço de Deus.

GUIOM. Oh! isso não se faz! E' impossivel! Já disseste que davas o teu consentimento e está dado; e eu já o disse a nosso filho e está dito.

GONÇ. Mas que prèssa!

GUIOM. Que prèssa? Não sabes que convem embaraçar o projecto de meu irmão? Olha, escuta, Gonçalo; é um segredo (*Falla-lhe ao ouvido*).

GONÇ. (*persignando-se*). Santo nome de Deus, parece que estou sonhando.

GUIOM. E' a pura verdade o que te digo.

GONÇ. Mas seja ou não verdade, o que temos nós com isso? Case la elle muito embora a sua filha com um francez.

GUIOM. Caluda! Eu não te disse que era um segredo? Descobri-o felizmente e agora toca a trabalhar para frustrar semelhante designio.

GONÇ. Mas, Guiomar, ve bem em que te mettes. Vais-te enredar em uma meada de intrigas, perfeito labyrintho, e isso tudo acabará por ficarmos mal com o teu excellente irmão.

GUIOM. As guerras entre parentes são fogos de palha; muita chamma e pouca cinza. Tudo terminará depois de meia duzia de arrufos.

GONÇ. Fallaremos n'isso com mais vagar (*Querendo sahir*).

GUIOM. (*tomando-lhe a dianteira*). Não, espera, attende, escuta; é necessario que me tranquillizes; dize-me que sim. Já ouviste? Sim? Sim ou não? (*Pausa*) Falla.

GONÇ. (*A' parte*). Diabo de mulher! (*Alto*) Depois... depois.

GUIOM. Não, hoje mesmo.

GONÇ. Sim, mas na volta.

GUIOM. Não, agora.

GONÇ. (*A' parte*). Arrebeuto, que já não posso! (*Alto*). Deixa-me sahir.

GUIOM. Não, sahirás. (*Tomando-lhe o chapèu e a bengala*).

GONÇ. E esta? Hei de sahir.

GUIOM. Não. Onde queres ir sei eu. Ah! Gonçalo, já basta de tanta indifferença. Tudo o que é nosso ahi está indo por agua abaixo. As casas cahem em ruinas; não se concertão: os negros envelhe-

cem o morrem ; não se substituem por outros : as nossas roças estão em matos ; não se limpão : não te dás de tudo isso e nem mesmo agora que se trata de um casamento vantajoso para nosso filho ! Sabe d'essa apathia, e tu que podes, ah ! Não deixes de me coadjuvar. Unamo-nos e tenhamos um so sítio e a victória será nossa.

GONÇ. Fr. Antonio de Sa não prégava tão bem !

GUIOM. E ainda em cima o oscarneo !

GONÇ. E o que me admira mais é a minha paciencia.

GUIOM. Nunca me attendes ! E depois zombas de mim !

GONÇ. Não posso mais. Da-me o meu chapéu ; quero sahir.

GUIOM. Sim, a vida não é ma. Pensas que ouvindo missas sobre missas está a tua alma salva, e que quanto ao mais Deus remediará quando for servido.

GONÇ. Oh ! que blasfemia !

GUIOM. E que depois podes passar o dia inteiro mettido pelos armarinhos e boticas a jogar o gamão, a ouvir e a tomar parte nas palestras ? E a mulher, besta domestica, que cuide de tudo, porque nada te falta ! Era melhor que te importasse mais com as tuas obrigações.

GONÇ. Não preciso de advertencias em tom de ameaça. Da-me o meu chapéu. (*Querendo arrebatá-lo*).

GUIOM. (*entregando-o*). Aqui o tens.

GONÇ. E a bengala ?

GUIOM. Alto lá ! Isto ca fia-se mais fino ; não vae assim com duas razões. Quero ver se has de sahir.

GONÇ. Guiomar, tenho de ir a missa.

GUIOM. Já é tarde.

GONÇ. Vou tambem a caza do compadre.

GUIOM. Pois eu irei contigo.

GONÇ. Tenho depois de dar algumas voltas.

GUIOM. Pois eu darei tambem.

GONÇ. (*batendo com o pé*). Não quero.

GUIOM. (*batendo com a bengala*). Pois saia se é capaz.

GONÇ. O' mulher do demonio, tu me perdes hoje... olha que...

GUIOM. Tenho dito. Não sabirás.

GONÇ. Tenho dito. Hei de sahir.

GUIOM. Não sejas teimoso. (*Atravessando-se no caminho*). O que digo faço.

GONÇ. Não sejas teimosa. Olha que te falto com o devido respeito.

GUIOM. Ameaças ? A' mim ? Poltrão !...

GONÇ. (*serrando os punhos depois de pôr o chapéu na cabeça*) ? Oh ! E' muito !...

GUIOM. (*levantando a bengala*). Dá, que não ficarás sem resposta.

GONÇ. Falo eu e ella se irrita.

GUIOM. Balbo eu e elle grita.

GONÇ. Grito eu e ella birra.

AMBOS. Sempre, sempre em dura guerra !

GUIOM. Que marido !

GONÇ. Que mulher !

AMBOS. De que serve assim viver ?

GONÇ. A bengala ?

GUIOM.

Que bengala ?

GONÇ. Da-m'a.

GUIOM.

Não te posso dar-a.

GONÇ.

Pois então á força a tiro.

GUIOM.

Olha que no chão te estiro.

GONÇ.

Que marido !

GUIOM.

Que mulher.

AMBOS.

De que serve assim viver ?

(Gonçalo avança para a mulher e sem de arrebatá-lhe a bengala; com a força que faz falta o equilibro a Guiomar que caiu por cima d'ella. Entra Damião a rit-se.)

## SCENA V.

GONÇALO, GUIOMAR, DAMIÃO.

DAM. Muito bem ! Muito bem ! Estas luctas são intermináveis, e para os nossos filhos por certo que o exemplo não pôde deixar de ser edificante !

(Gonçalo e Guiomar levantando-se ao mesmo tempo, e apontando um para o outro dizem juntos:)

GONÇ. Esta mulher.....

GUIOM. Este homem.....

DAM. Já sei, na forma do costume não passa de uma briga á unha; mas tomai sentido, que mais dia, menos dia, ficará um de vós ahí para sempre. Já não sois moços, para não dizer que sois muito velhos, e essas quedas.....

GUIOM. Elle é que tem a culpa.

GONÇ. O mesmo digo eu d'ella.

DAM. E nenhum dos dois diz nenhuma novidade. Sr. Gonçalo, pelo que vejo ias saber ?

GONÇ. Por isso é que fomos ás vias de facto.

DAM. Mas em summa qual a causa de tamanho conflicto ?

GUIOM. (Ao ouvido de Gonçalo). Cortar-te-hei a lingua se divulgares o segredo que te confiei.

GONÇ. Nada, bagatelas, nihilidades. (Ao ouvido de Damião). Rabugices da minha dona.

GUIOM. (Que se aproxima para ouvir) Heim ?

GONÇ. (Ao ouvido de Guiomar) Rabugices cá d'este seu criado.

DAM. Não ias saber ? Pois é melhor que dêes o teu passeio, meu amigo; voltarás mais refeito, menos atribiliario, e minha irmã tambem terá apagado o fogo de suas iras. E' mar que se abate logo que se encapella.

GONÇ. Pensas bem, que no Rio de Janeiro quem não anda, cedo desanda. Até logo.

DAM. (A' Guiomar). Deixal-o ir; é um pobre velho.

GONÇ. (Partindo). Estas interrupções veem sempre a tempo! São agua fria para as fervuras de minha mulher !

## SCENA VI.

GUIOMAR, DAMIÃO.

DAM. A' proposito. Guiomar, nos achamos a sós, não para brigarmos como fazes quasi diariamente com o pobre do teu marido; mas para te pedir o mais razoavel dos favores.

GUIOM. Esses preambulos muito estirados e muito estudados teem sempre o que se lhes diga.

DAM. Eu me explico e francamente. Tu não moras na minha casa por obsequio meu; eu é que te sou devedor por tanta complacencia, pois logo que tive a infelicidade de enviivar, tu me fizeste o fa-

vor de ir acompanhar a minha cara Beatriz, e lhe servir de mãe. Ninguém jamais n'esse caso se confessará mais agradecido do que eu.

GUIOM. E' ainda um enorme preambulo! Estou arrebitando por saber do principal. E' um sermão; quando chegará elle ao — eu principio?

DAM. Os teus conselhos, minha irmã, nem sempre porêm tem sido prudentes.

GUIOM. Começa a ingratição! E' o thema.

DAM. Ingratição? Essa mancha jamais nodorá minha existencia. Mas sejamos calmos. Tem paciencia por enquanto; ouve, e depois apresentarás as tuas razões. Oxalá eu estivesse em erro!

GUIOM. Sel-o-ha facil provar. Ja sei aonde vais ter. Queres fallar do casamento da tua filha, essa desgraçada lembrança?

DAM. Desgraçada lembrança? E' necessario que te expliques.

GUIOM. Não pretendes casar esse anjo de candidez, essa alma de pureza, essa santa imagem d'aquella que la está no ceo, com um francez?

DAM. Ah! ja sabes!

GUIOM. Ha muito tempo.

DAM. E quem te disse?

GUIOM. A minha penetração.

DAM. E é por isso que procuras dar outra direcção ás suas vistas e buscas induzil-a a casar com teu filho?

GUIOM. Não é nenhum libertino ou judeu.

DAM. E sel-o-ha esse que lhe destino para esposo?

GUIOM. Volière, um francez! (*Persignando-se*). Deus me livre d'ello!

DAM. Ah tu não o conheces. E' moço, que so tem contra si a sua nacionalidade pelas circumstancias que occorrerão ha anno. Que excellentes e amaveis qualidades não ornão a sua pessoa! Flegante, instruido, tratavel e em extremo rico....

GUIOM. Quando Valentim é tão pobre!

DAM. Pois bem, minha irmã, sejamos justos e pesemos tambem na mesma balança as qualidades de teu filho... Que enorme differença!

GUIOM. Dizes bem. — Que enorme differença!

DAM. Teu marido não se importou com a sua educação. Quer quando muito que saiba o seu latim para cantar a sua missa. Pela sua parte o rapaz é um maganão, que em nada mais cuida n'este mundo que não seja divertimentos, sucias, patuscadas, festas e comezainas. Aonde esteve elle hontem? Na ilha do Governador a caçar. Aonde está elle hoje? Nas praias de Icarahy. E' la nas pescarias que elle estuda o seu latim, applaudindo a doença do padre mestre, á espera que o saiba por milagro, ou seja dado por prompto. Um gaiato de tal calibre dá cabo do doto ou da legitima da noiva durante a lua de mel; fia-se no mais que possui o pai, e passe por la muito bem.

GUIOM. Exageração! Mas demos de barato que assim seja, qual é o rapaz que tomando estado não corrige os desvarios de sua vida de solteiro?

DAM. Bem poucos. Hoje em dia os tempos vão mudados. A preguiça é a nossa rainha, e enquanto ha dinheiro tudo vai bem: não



falta vento de feição á vela, e o barquinho corre por um mar de rosas; mas depois que se acaba o vento, começa-se a avistar muita miseria, e os filhos; ah! esses são então os verdadeiros naufragos. E demais, o teu filho está destinado a ser padre, embora em tempos remotos, segundo o passo em que vai; mas caso se case, em que se empregará elle?

GUIOM. É nas circumstancias actuaes, convirá esse francez a tua filha? Não sabes por ventura o que se murmura por esse mundo de Christo? Não ouves falar algures e aliures na volta dos Francezes? Talvez n'este momento uma esquadra poderosa esteja de vela para o Brasil.

DAM. Contra o Rio de Janeiro? Contra a nossa boa cidade de S. Sebastião?

GUIOM. Por vida minha que sim.

DAM. Estás enganada. Similhanter terrores ja la se desvanecerão por panicos.

GUIOM. A quem contas estas historias?

DAM. Historias! Fallo-te com o coração nas mãos, e tanto é assim, que o governador acaba de mandar desguarnecer as fortalezas e fortificações, e as náos ahí estão desarmadas e o Sr. Gaspar da Costa e Atayde passa na bella Tijuca á caça das patas e veados, sem que se dê da vinda d'esses senhores.

GUIOM. Deveras? Não pôde ser.

DAM. E' o que te digo.

GUIOM. Pois não é isso o que se conversa publica e geralmente.

DAM. Pelo menos nas boticas e armarinhos, onde impingem taes carapetões ao simplório de teu marido.

GUIOM. Não ha mentira que não tenha o seu tanto de verdade.

DAM. Mas a verdade é uma e pura. Emfim, Guiomar, a minha resolução está tomada; Beatriz ama a esse moço; os outros pais educão as filhas como que para a vida do claustro; tornão-nas timidas, de modo que ellas receião dar uma palavra; fazem-nas ignorantes, de modo que ellas não vêem as regras da civilidade, e destinão-nas exclusivamente á communhão das mulheres, de modo que ellas não conhecem o mundo senão pelo orificio das fechaduras das portas das alcovas em que vivem sepultadas; eu criei a minha Beatriz por maneira diversa. Ingenua, amavel, meiga, condescendente, ella mesmo me confessou que amava a Volière.

GUIOM. Quem? Beatriz? Tua filha? Pois ella te disse isso? Como se mudão os tempos! Que fallasse la a meus pais em semelhantes cousas! Mais alguns annos e estará tudo perdido! Ainda em bem que estou velha e pouco terei que ver.

DAM. Quêres que enfilo contrarie  
Tão ingenuo coração?  
Não deve ser o contrario  
Sempre da nossa affeição?

GUIOM. Ah nem sempre isso aproveita  
A' ventura conjugal;  
A affeição tambem nos cega  
Pois escolhe bem ou mal!

AMBOS. Casarei a minha } filha  
Casa embora a tua }  
Com quem bem me } parecer  
Pois que nunca } arrependido  
Por isso me } hei de ver  
te

## SCENA VII.

DAMIÃO DA SILVA.

DAM. Ella se retira vencida mas não convencida. E' minha irmã mais velha; tem servido de mãe, de verdadeira mãe á minha Beatriz. Mas nem por isso tem direito de dispor da mão de minha filha. Nada lhe disse que podesse offendel-a, e estou tranquillo em minha consciencia. O interesse que ella mostra por seu filho é desculpavel; assim não fôsse ella mãe; faz o que lhe inspira o excessivo amor que tem por elle. E se Beatriz amasse a Valentim, que remedio teria eu senão estar por essa união? De que servirão todas as minhas reflexões? Como lhe importaria a minha vontade absoluta sem constrangel-a? Oh! unico fructo de meu amor, imagem viva e idolatrada da mulher que amei tanto, não serei eu quem contrafará os teus desejos. Uma lagrima tua, uma so, bastaria para me azedar os mais bellos, os mais doces momementos da minha existencia! Viver sem ti, fôra habitar um deserto. Ah! minha alma seria indifferente a todas as delicias e venturas que me cercassem. Esta voz?... (*Escutando*). E' ella! Meu coração palpita de alegria e contentamento quando a vejo a meu lado; um estremecimento de ineffavel prazer, de um gozo que não se explica, que não é da terra, me percorre fibra por fibra todo o corpo. Que commoção que sinto! Vem, Beatriz, vem no meio de tuas harmonias celestes como um anjo entre o côro dos serafins. (*Escuta como extasiado*).

BRAT. (*Entrando*). Formosa estrella,  
Imagem fida  
Da mãe querida,  
Vejo no ceo:  
Si da virtude  
Percorro o trilho,

La cresce o brilho  
Do esplendor teu;  
Mas se me aparto  
Cega ou remissa,  
Ella se eclipsa  
Em negro veo!

## SCENA VIII.

DAMIÃO, BEATRIZ.

BRAT. (*Beijando a mão de Damião*). Meu pai!

DAM. (*Beijando-a na face*). Beatriz, minha filha! (*Pausa*). Ah! como estás bella! Como estas flores ficam melhor em tua cabeça do que entre a verde folhagem de seus ramos! Fizeste bem em te vestir assim. Volière não tardará, e hoje havemos de tratar de teu casamento. Olha, escuta-me attentamente. (*Tomu-a pela mão e senta-a junto de si*). Tu coras, baixas os olhos? Beatriz, despede-te de todo o temor; falla-me francamente. Não sabes quem sou eu? O teu maior amigo. Outro igual não tens, nem terás nunca n'este mundo. Ninguém mais do que eu, nem tu mesma, deseja mais a tua felicidade. Se ha outro homem por quem sintas mais vivamente bater o teu coração, por quem tua alma mais se incline, ah falla, ainda é

tempo.... Medita primeiro, e medita muito. O casamento te prenderá em laços indissolúveis, e tu jurarás ante o altar aceso, á face de Deus, e não amarás desde então senão a teu esposo. (Pausa). Não amas a outrem?

BEAT. A ninguém mais.

DAM. E Valentim?

BEAT. (Rindo-se). É meu primô; e como tal tenho-lhe muita afecção.

DAM. Mas elle tem suas vistas sobre ti, ama-te e talvez....

BEAT. Ah, não; elle me estima unicamente; não-somos mais do que dous irmãos, mas de genios oppostos, de indoles differentes e completamente contrárias.

DAM. E Volière?

BEAT. Primeiramente dissei-me se é do vosso agrado essa união.

DAM. E porque, Beatriz?

BEAT. Porque se não fôsse.... Ah! eu suffocaria em meu coração esse amor que sinto por elle, e me lançaria em vossos braços. Talvez que a paixão minasse-me a existencia como um abrasamento occulto, lavrando surdamente em minhas entranhas. Morreria satisfeita. O meu ultimo suspiro seria um sorriso para vós. O primeiro amor digno de uma filha é o amor de seus pais.... Não é assim?

DAM. (Levantando-se e abraçando-a). Beatriz! Symbolo do amor puro, tu és digna de Volière e de teu pai, o Deus te cobrirá de infinitas felicidades. Tua mãe, alma boa e santa, lá do ceo onde repousa, te abençoa sempre e sempre para que sejas ditosa n'este mundo. (Volière se mostra d'escada da varanda.) Oh! Eil-o ahi.

BEAT. Podeis entrar, senhor.

## SCENA IX.

DAMIÃO, BEATRIZ, VOLIÈRE.

A TRES.

VOL. Que incerteza, ceos! Que instante!  
Como tenho o coração,  
Pois da bella e casta amante  
Vou ouvir ou sim ou não.

BEAT. Elle chega e n'este instante  
Ven pedir a minha mão;  
Porém trême, ah triste amante,  
Sem saber se sim ou não.

DAM. Como n'esta grata instante  
Lhe palpita o coração,  
Pois declaro a seu amante  
Livramento ou sim ou não.

VOL. Essa mão tão alva e pura,  
Eu desejo-a para mim;

Qual é pois o meu destino?  
Sim ou não?

DAM. Responde.

BEAT. Sim!

A TRES.

VOL. Oh que tão feliz instante!  
Excita meu coração,  
Pois da bella e casta amante  
Não receio mais um — não.

BEAT. Oh que tão feliz instante!

E

DAM. Excita seu coração,  
Que de sua grata amante  
Não receia mais um — não.

DAM. (Abraçando-os.) Meus filhos, este é o melhor dia de minha vida.

BEAT. Como sou feliz !

VOL. Possuo o maior thesouro do mundo.

SCENA X.

DAMIÃO tendo em cada um dos braços a BEATRIZ e VOLIÈRE ;  
 GUIOMAR entra apressadamente.

GUIOM. Damião ! Damião ! (*Parando admirada.*) Oh que quadro interessante ! Nunca tal vi !

DAM. (*Deixando-os.*) Não ves aqui mais do que um pai entre dous filhos, que satisfeito os abraça, e cheio de contentamento abençoa a sua união.

GUIOM. E que mais ?

DAM. Explica-te.

GUIOM. Pois vejo mais alguma cousa !

DAM. Não te comprehendo.

GUIOM. (*Apointando para a barra.*) Olha para ali. (*Nãos ao longe.*)

VOL. O que é isto ?

(*Vozes do povo ao longe*) : Os francezes ! Os francezes !

BEAT. (*Sobresaltada.*) O grito horrivel do anno passado !

GUIOM. E meu marido na rua, e meu filho la pelo mar !

DAM. (*Tomando o oculo de alcance e pondo-o em direcção d barra.*)  
 Vejamos primeiro.

GUIOM. E agora meu irmão, o que dizes a isso ?

DAM. São nãos inglezas. La vejo a bandeira da velha Inglaterra.  
 (*Deixa o oculo.*)

GUIOM. E' um disfarce d'elles. Ha muito tempo que se falla em nova invasão para vingar a de Mr. Duclerc, e desgraçadamente é uma verdade. Eil-os ahí !

VOL. Vistes Sr. Damião, como me conduzi da passada occasião...

DAM. Sim... mas o povo... o povo é inconsequente.

GUIOM. Falle-lhe assim e rua com elle ; não faltarão noivos para tua filha.

DAM. Muito obrigado, não perdes vasa e mettes o teu filho á cara sempre que podes... o teu bom filho.

GUIOM. E se o não quizeres, meu irmão...

DAM. Exprimes-te em tom ameaçador ?

GUIOM. Sim, porque de mãos dadas com este francez atraçoarás a terra.

VOL. Senhora !

BEAT. Minha tia !

DAM. Eu traidor ! (*Dirige-se para ella.*) Sabes o que dizes, miseravel ?

GUIOM. Sei, e tanto sei que receio muito não venhas ainda a acabar os dias em uma masmorra. O Sr. Francisco de Castro Moraes não é para brincadeiras !

DAM. E' muito, Guiomar !

GUIOM. Regeitar meu filho, fallar d'elle com o maior desprezo, comparal-o a um cão que vaga pela rua, so com o intuito de dar a filha a esse francez, refinado espião..

VOL. Espião!... (*Avançando para ella*). Espião!...

DAM. (*Detendo-o*). Prudência, Sr. Volière.

VOL. (*Com raiva*). Infelizmente sois uma mulher...

GUIOM. E não tenho medo de ninguém.

BEAT. Desculpai-a, senhor.

DAM. Ella está fóra de si.

VOL. (*Enfurecido*). Mas é muito... é uma injúria infame!

BEAT. Não faças caso.

DAM. E' uma loucura.

GUIOM. Louca? Louca? Loucos sois vós, vós todos, irmão, sobrinha, francez; vós que zombaes do perigo que ahí vem; que vos ríde, que vos abraçaes quando a catastrophe está prestes a desabar sobre nossas cabeças!

(*Vozes do povo fóra, um pouco mais perto*): Os francezes! Os francezes! (*Beatriz corre a debruçar-se de um dos parapeitos da varanda*).

DAM. Como tenho esta cabeça! Nem sei o que deva fazer!

BEAT. (*Voltando á scena*). Meu Deus! Meu Deus! A confusão cresce nas ruas; atropella-se o povo; fechão-se as casas e em breve tudo estará deserto!

GUIOM. E meu filho e meu marido lá fóra!

DAM. (*Á Beatriz*). Tranquiliza-te. (*Á Volière*). E' necessario que saiamos d'aquí.

VOL. Mas para onde iremos nós?

GUIOM. Ah! meu filho volta. Eil-o com os seus amigos. (*Correndo ao encontro*). Valentim, meu filho!

## SCENA XI.

DAMIÃO, BEATRIZ, VOLIÈRE, GUIOMAR, VALENTIM, ESTUDANTES,  
que entrão precipitadamente ao toque do rebate dado pelos  
sinos, trombetas e caixas de guerra.

VAL. Os francezes, ó ceos! Os francezes,  
Qual tormento fatal se aproxima!  
La reúnem em seus seros paventes  
A vingança, a ruína, a oppressão!

VAL. Elles vem! Nossos bellicos peitos  
São muralhas da patria em perigo!  
A' vencel-os já estamos afeitos,  
Fugirão com seu sangue a invasão!

Esr. Quem da patria aos clamores resiste  
Quando pede sua salvação?  
Ela ás armas, ás armas, ás armas,  
Nobre gente do aureo torrão!

Esr. Quem da patria aos clamores resiste  
Quando pede sua salvação?  
Ela ás armas, ás armas, ás armas,  
Nobre gente do aureo torrão!

GUIOM. (*Querendo abraçar a Valentim*). Meu filho!

VAL. (*Enviando-a*). Deixai-me, senhora, que estou levado dos diabos.

GUIOM. (*Detendo-o pelo braço*). Escuta, uma palavra so...

VAL. Não quero palavras; quero pólvora e balas!

GUIOM. O que dizes?

VAL. Bento do Amaral lá nos espera para guiar-nos á victória; como da vez passada, os estudantes do Rio de Janeiro defenderão a sua cidade, ou serão sepultados ao lado de Estacio de Sá!

GUIOM. Queres te expor, doudo?

VAL. E porque não? Bem podera estar la pescando na outra banda; mas fomos avisados por uma canoa que vinha da barra de que com a mercê de denso nevoeiro se aproximava uma formidavel esquadra. Voltamos. Vêde! E a viração refresca e a protege!

1.º EST. Estamos a perder o tempo.

2.º EST. Da-nos as nossas armas.

3.º EST. Que queremos limpá-las da ferrugem da paz.

VAL. Oh! vinde, entrai; ellas estão no meu quarto de dormir; bem vêdes que se tenho repousado tem sido sobre os tropheos da victória ganha a Duclerc. (*Repete-se o toque do rebate*). E o rebate a chamar-nos!

EST. Quem da patria aos clamores resiste  
Quando pede sua salvação?  
Ela, ás armas, ás armas, ás armas,  
Nobre gente do aureo torrão.

(*Vão-se, repetindo o côro cada vez mais longo; o toque do rebate cessa tambem com a musica*).

## SCENA XII.

DANIÃO, VOLIÈRE, BEATRIZ, GUIOMAR; depois um vulto que entra pela porta da varanda embuçado em uma mantilha.

BEAT. Ah! E' uma calamidade, que so Deus sabe como terminará.

GUIOM. E Gonçalo sem vir! Mas esta mulher...

DAM. Quem sois?

GUIOM. O que quereis?

BEAT. Fallai.

VOL. Que mysterio!

O VULTO. Sou... Ah... (*Respirando largamente*). Sou eu... Gonçalo, que acabo de resuscitar! (*Tira a mantilha. — Hilaridade*). Felizmente aqui estou vivo ainda dentro da minha pelle, que eu tanto estimo.

Gonç. Que quereis que fizesse?  
Que na rua me expozesse?

VOL. Que valente!

DAM. Que poltrão!

BEAT. Oh! que tio!

GUIOM. Oh! que marido!

VOL. Oh! que homem destemido!

Gonç. Oh! é grande admiração!

BEAT. Isto n'elle é por prudente.

GUIOM. Não ha outro mais valente.

DAM. Não está na invenção.  
n'elle

Todos. Isto é por prudente.  
em mim

Não ha outro mais valente.

Não está na invenção.

DAM. Que noticias temos?

GONÇ. Nada sei. Mal ouvi dizer que ellesahi estavam, tomei a mantilha de minha comadre Rosa e puz-me a caminho. Vêde: estou suando em bicas! Nunca a casa me pareceu tão longe! (*Prolongando excessivamente a voz*).

GUIOM. Bem feito. Eu bem te pedi que não sabisses...

GONÇ. Estas mulheres adivinhão o mal!...

GUIOM. E os homens nem ao menos adivinhão o bem!

BEAT. Agora começo!

DAM. (*A' Volière*). Mudão-se as circumstancias, meu caro Sr. Eugène Volière, e bem vedes que...

GUIOM. Que tudo está desfeito por si mesmo.

VOL. E' bem acertado quanto me dizeis; eu me retiro...

GUIOM. A mais tempo, antes que a boa justiça comece por casa.

BEAT. Aonde vos dirigis, senhor? Ah! véde que tudo ahi se revolta contra os Francezes.

GONÇ. Aproveitai-vos da minha mantilha. (*Offerecendo-a*). Aqui a tendes.

VOL. Obrigado; ja lhe tirastes o canho da originalidade; não gosto de imitação.

GUIOM. Pois n'isso não andais avisado.

VOL. Que pensais? Que me vou esconder por ahi, mendigando um asilo? O meu lugar seria nas trincheiras se outra fôsse a bandeira invasora. Brasileiro por adopção combateria pela terra a que devo a hospitalidade que gozo, as honras que possuo e as riquezas que tenho ganho licitamente; mas o sangue francez me corre nas veias, e eu não serei contra a patria natal! O sangue e a gratidão me obrigão á neutralidade.

BEAT. Oh! Como é bom ouvir fallar assim!

DAM. Comtudo, tende prudencia; deixai sahir os estudantes.

### SCENA XIII.

DAMIAO, GUIOMAR, GONÇALO, BEATRIZ, VOLIÈRE, VALENTIM, ESTUDANTES  
*armados de espadas, moquetes, chuchos, etc.*

GONÇ. Aonde vão estes tolos e com elles o meu Valentim?

VAL. Não vos riais das nossas armas; estão ainda tintas do sangue dos combates da lagoa da Sentinella e da rua Direita, e coroadas com os louros da victória.

DAM. Ide, que eu tambem la me acharei no meu posto de honra.

BEAT. Valentim, um favor?

VAL. Falla depressa, prima; explica-te n'um momento; avia-te ja e ja.

BEAT. Acompanha o Sr. Eugène Volière, honrado cavalleiro; protege-o sob a tua guarda, que não soffra ella algum insulto.

VAL. Vinde, Sr. Monsiù, na nossa companhia; sois cidadão nosso compatriota por naturalização, e entre nós passareis por um carioca do tempo de Villegaignon. Comprehendeis?

GONÇ. Optima lembrança, não ha dúvida.

VOL. Digna de D. Beatriz.

GONÇ. Sabe ca ao senhor seu tio; é providente.

GUIOM. Antes se parecesse comigo, que teriamos ja um de menos.

VOL. Mas dai-me uma arma ou qualquer couza que me sirva de defeza.

GUIOM. Até mesmo contra algum dos nossos.

VAL. Aqui tendes a minha espada; ainda me fica este mosquete que não me deixará mal. Vamos.

EST. *(Partindo)*. Vamos. *(Lanhões ao longe.—Os estudantes de-  
teem a marcha)*.

BEAT. Meu Deus, meu Deus, estes tiros!

DAM. *(A varanda)*. Ah! são elles que la forçao a barra. *(Apon-  
ta: todos se voltão para ella; o fumo que parte das ndos e fortalezas  
envolve tudo)*:

VAL. La se cruza o fogo das ndos o das fortalezas.

VOL. Densa nuvem de fumo se desenha no horizonte e cahô como  
longo sudario talvez ja sobre muitos mortos!

GUION. Que horrível scena!

DAM. Nada mais se ve senão a fumaça

VOL. Imperão. o canhão e a morte!

BEAT. Roguemos a Deus pelo triumpho dos que se empenhão na  
defeza da patria.

VAL. E vamos-nos tambem a derramar o nosso sangue por ella.

*(Grande clarão que enche toda a scena.— Horrível e subita detonação. Espanto geral)*.

DAM. *(Retirando-se da varanda)*. Voou o-payol da polvora e com  
elle a fortaleza de Villegaignon!....

TOD. Ah! *(Ajuelhão-se uns; outros ficão de pé)*.

BEAT. *(Conternadíssima.)*

Virgem celeste e pura,  
falxa entre nós potente;  
Protege a patria gente,  
Inspira-lhe valor!....

*(Beatriz cahê desfallorida nos braços de Damião, que está a seu lado: Voltiêre  
prostrado a seus pés beijando a mão.)*

Côno.

Retumbara ten nome  
Nos hymnos da victória;  
Exalta a nossa glória:  
Abate o invasor.

*(Caha o panno)*.

FIM DO 1.º ACTO.

J. NORBERTO DE S. S.



**BEATRIZ**

OU

**OS FRANCEZES NO RIO DE JANEIRO.**

OPERA COMICA EM 2 ACTOS.

**INTERLOCUTORES.**

DAMIÃO DA SILVA, negociante, pai de  
 BEATRIZ, sobrinha de  
 GONÇALO, marido de  
 GICOMAR, mãe de  
 VALENTIM, estudante.  
 EUGÈNE VOLIÈRE, negociante francez, estabelecido no país.  
 ESTUDANTES, amigos de Valentim.

RIO DE JANEIRO—1811.

*(Continuação do numero antecedente).***ACTO II.****O RESGATE**

Sala de uma casa da roça, longe da cidade. No fundo porta entre duas janelas dando sobre o terreiro, sendo estas fechadas e seguras com barras de ferro e aquella com grossa tranca. Portas lateraes. Trastes de jacarandá ricos e custosos proprios da epocha. N'um dos angulos reentrantes da sala uma rede pendente dos ganchos. A um canto um chapeo.

**SCENA I.****BEATRIZ**

BEAT. O' astro brilhante  
 De amor e ventura,  
 No ceo radiante  
 Tu brilhas p'ra mim?  
 Ah se és minha estrella

Eclipsa-te agora,  
 No ceo te evapora,  
 Não mintas assim!  
 A minha ventura  
 Ha muito deu fim!

E passa-se o tempo lentamente! Ha oito dias que vivo como que sepultada entre estas paredes, sem saber de meu pai e nem tambem de Volière. Ai! E onde estarão elles? Vivos ou mortos, nos focos, nas trincheiras, no campo das batalhas! Noite e dia gemeu

a artilheria e o estampido do canhão levou o terror a toda a parte. A colera de Deus, a tempestade horrivel do ceo uniu-se á colera dos homens, á tempestade da terra, que tudo alastra de ruinas, que tudo inunda de sangue. Já não ouço o troar da artilheria!... De quem serás agora, misero Rio de Janeiro, minha pobre cidade natal? Essa tregua, esse silencio de morte o que quererão dizer? (*Pausa.*) Escuto em balde! São mudos os cantos da victoria! Reinará a paz sepulchral sobre esses muros, out'ora tão cheios de vida? Seria tudo entregue á devastação e ao incendio? (*Guiomar que a escuta se aproxima por detraz d'ella sem ser vista*). Nada mais existirá da cidade de Estacio de Sá senão cinzas... que um sópro do Senhor varrerá para todo o sempre de sobre a face da terra?

GUIOM. Quem sabe, minha filha?

## SCENA II.

BEATRIZ, GUIOMAR.

BEAT. Estaveis ahi, senhora?

GUIOM. Ha muito que te ouvia.

BEAT. Pois bem, escutae-me ainda. Uma manhã da primavera subimos a serra da Tijuca e galgamos o cume altivo do Corcovado. Eu, meu pai e (*suspirando*) e minha mãe também, contemplavamos extasiados n'esse silencio eloquente da admiração o espectáculo magico que se desdobrava ante os nossos olhos absortos. Um velho, cujas barbas alvas como o algodão contrastavão com o negro de seu habito, estava do outro lado da rocha; uma enorme fenda nos separava. Enfim elle rompeu a mudez. « Eis ahi, disse-nos o velho com gesto sisudo e voz grave, eis ahi as maravilhas da creação, eis ahi as obras do Senhor! Que ceo esplendido! Que sol pomposo como não ha outro no mundo! Que ar embalsamado e puro! Que mar, mais bello que os da Italia, da Grecia e do Egypto! Que bahias profundas e immensas que abrem o seio ás frotas de todo o universo! Que montanhas que se elevão escarpadas, asperas, terriveis sobre abysmos, que se prolongão enfileiradas como sentinelas de gigantes que guardão riquissimos valles, cofres de diamantes e de ouro! Que cascatas que se despedação de roche lo em rochedo, e dão origem a rios oceanicos que rolão suas aguas caudolosas sobre ricas areias! Que florestas que se curvão sobre florestas, filhas dos seculos, que ahi jazem, onde o bramido das feras nos chama ao imperio de seus desertos! So falta, ajuntou o ancião suspirando, so falta a mão do homem, mas essa virá e em menos de cem annos tudo isto estará mudado! A' margem d'esta bahia e sobre as serras que a conformão florescerão bellas cidades; ahi a vossos pes tereis a córte de um imperio poderoso e formidavel; as frotas de todas as nações entrarão por aquella barra e virão pedir-lhes as permutações de seus productos. Mas já a esse tempo o portuguez não reinará n'esta terra de tante belleza, n'este solo de tanta magnificencia; um novo povo... » E

de repente calou-se: denso nevoeiro nos tinha envolvido; dissipou-o depois a brisa fresca da manhã, mas o velho tinha desaparecido.

GUIOM. E' uma prophesia, que póde realisar-se, mas quem será então esse novo povo?

BEAT. Sem duvida os francezes, minha tia.

GUIOM. Ah! esquece-te d'isso: eu nem quero ouvir fallar em semelhante gente.

BEAT. Elles primeiro do que os portuguezes se estabelecerão n'esta terra e não se esquecem d'ella.

GUIOM. Sei-o muito bem.

BEAT. Os Tamoyos que a possessão erão seus alliados e votvão odio de morte aos portuguezes. O Rio de Janeiro era a sua Henriville, a capital do novo reino a que tinhão dado o nome de França Antartica. Mas forão vencidos e expulsos e os Tamoyos varridos de sobre a superficie da terra! Tudo isto está escripto no livro de um padre jesuita que meu pai possui. (*Bate n na porta do fundo.*)

GUIOM. Estão batendo, Beatriz!

BEAT. Será possível? (*Batem de novo.*)

GUIOM. (*Procurando espiar pelo orificio da fechadura.*) Quem quer que seja tem pressa...

BEAT. Perguntai quem é.

GUIOM. (*Voltando-se para Beatriz.*) Falla baixo. (*Traz Beatriz pela mão para o meio da scena.*) Estou... olha (*Põe a mão d'ella sobre o seu peito*) sem gota do sangue no coração!

BEAT. (*Admirado.*) Que suppondes, senhora?

GUIOM. (*Com mysterio e suspiro.*) Que é um francez!

BEAT. (*Astustadissima.*) Meu Deus! E nós aqui sosinhas! (*Batem com mais força.*)

GUIOM. (*Inquieta.*) E o demonio a bater!

BEAT. Mas como sabes que é um francez?

GUIOM. Pela vestimenta; é um official do tal duque Trovão.

BEAT. Será melhor chamar meu tio.

GUIOM. Pois vai chama-lo... (*Beatriz vai a sahir e ella detem-na.*) Espera... (*A' parte.*) Tenho medo de ficar aqui sosinha! (*Alto*) Irei eu mesma.

BEAT. Não, minha tia, eu não fico aqui a sós com tal monsieur á porta!

GUIOM. E o que faremos então? (*Olhando para fóra.*) Oh! la está Gonçalo! (*Chegando á porta lateral da direita do espectador.*) Gonçalo! Gonçalo, vem ca! Não te demores. (*Voltando á scena.*) Elle vem.

BEAT. Agora temos pelo menos um homem a nosso lado.

GUIOM. E somos tres. (*Batem ainda mais forte.*)

### SCENA III.

GONÇALO, BEATRIZ, GUIOMAR.

BEAT. Meu tio, estão batendo n'aquella porta.

GONÇ. E o que tenho eu com isso? (*A' parte.*) Que implicancia! Irra!

GUIOM. Ah! Gonçalo, não sei o que devemos fazer; espiei e vi que era...

GONÇ. (*A tremer.*) O que? diga de pressa, que ja aqui não estou muito bem!

GUIOM. (*Confidencialmente.*) Pelo menos os trajos são de um militar francez. Olha, espia pelo buraco da fechadura.

GONÇ. Deus te livre! (*Batem fortemente.*) E o demonio deita a a porta a baixo!

GUIOM. (*A' Gonçalo.*) Abre.

GONÇ. (*Recuando.*) Eu?...

GUIOM. Sim, pois o que é que tem? Somos tres!

GONÇ. Qual tres nem meio tres! Eu caio la n'essa imprudencia! Somos tres fracalhões para um valentão que vem ahi armado dos pes até os dentes, e sabe Deus com que intençõesinha!

GUIOM. Façamos o nosso plano de defeza. Olha, tu ficas aqui. (*Indicando-lhe a porta.*) E abrirás a tempo.

GONÇ. Logo em primero lugar! Safa! (*A parte.*) Assim era eu tolo! (*Alto.*) Ja não sirvo para isso.

GUIOM. Eu fico aqui. (*Indo ao canto da casa buscar o chuço*) com esta arma á escora. Beatriz d'aquelle outro lado com essa cadeira na mão.

GONÇ. Mas que necessidade ha de abrir a porta? Elle que va bater á outra.

GUIOM. Abre, Gonçalo.

GONÇ. Não sabes que eu me constipo com facilidade! La fóra venta desabridamente!

(*Batem de novo com toda a força. Ouve-se uma voz que diz: Abrem ou não?*)

GUIOM. Esta voz?

BEAT. E' de Valentim!

GONÇ. Qual Valentim! Ha tantas vozes fingidas ou parecidas!

GUIOM. Então quem é?

GONÇ. Eu sei? Mas Valentim vestido de francez?

BEAT. (*A Guiomar.*) E' verdade, minha tia; a reflexão é acertada. Valentim não vinha vestido de francez.

GUIOM. (*Indecisa.*) Eu tambem acho assim uma cousa sem pes nem cabeça, mas...

BEAT. Fallai-lhe, minha tia.

GUIOM. (*A Beatriz.*) Se não póde ser Valentim porque está vestido á franceza, tambem não póde ser francez, porque falla excellentemente a nossa lingua.

BEAT. Tambem é bem lembrado..

GONÇ. Fiem-se n'elles que cousas farão estrangeiros.

(*Batem desesperadamente e diz-se de fóra: Abrão, que senão vai a porta dentro com todos os diabos!*)

GUIOM. Oh! meu Deus, é Valentim! Eu juro se fór preciso.

BEAT. E' Valentim, não padece duvida.

GONÇ. Pois eu duvido que seja, e pelo sim, pelo não, intrincheiro-me aqui, que nem um defunto. (*Mete-se na rede e fica n'ella envolvido e so com a cabeça de fóra.*)

GUIOM. O' que poltrão!

GONÇ. Agora avenhão-se com elle!

GUIOM. (*Com o chuço em riste, voltada para a porta.*) Meu filho, és tu?

VAL. (*Fôrn.*) Que inferno! Sou eu mesmo, o mesmissimo em alma, carne e osso, tal qual vim a este mundo.

GUIOM. (*A' Beatriz, sem deixur a sua posição.*) Abre, Beatriz.

GONÇ. (*Escandendo a cabeça.*) Ora livrem-se la d'uma d'estas! Que temeridade de mulheres!

(*Beatriz abre a porta.*)

## SCENA IV.

VALENTIM, GUIOMAR, BEATRIZ, GONÇALO na rede.

VAL. (*Atirando-se nos braços de Guiomar.*) Minha mãe!

GUIOM. (*Deixando o chuço.*) Meu filho!

VAL. (*Dando a mão a Beatriz.*) Ora toque la!

BEAT. Valentim, meu primo!

GONÇ. (*A' parte.*) E a porta aberta! Não saio hoje d'aqui!

GUIOM. Oh que susto!

BEAT. Oh que receio:

GONÇ. Vi-me morto d'esta vez!

BEAT. Para que esse disfarce?

GUIOM. Tudo agora é so francez:

VAL. E' quem sobre nós impera.

Todos. Tanto pôde a vil traição!

VAL. Lavra o sangue, o incendio, a morte!

Todos. Oh que barbara lavasão!

VAL. De socorro esta-se a espera.

BEAT. Porém quando chegará?

GONÇ. Deus nos salve!

GUIOM. Deus nos salve

Todos. Elle so nos salvará.

GUIOM. Valentim, Valentim, quanto folgo de te abraçar!

VAL. E eu ainda mais, minha mãe, pois acho-me ainda na minha pelle, e isto por um milagre de todos os santos. Vi chover raios do ceo de mistura com as bombas atiradas pelos demonios! O ruido do trovão mesclava-se á voz da artilheria! Trum, trum, retrum, trum, tum tum! E os echos repetião tudo isso horriavelmente! E n'aquella noite que abordamos á cidade? Oh que consternação! Nunca vi espectáculo que mais me pungisse. Chorei de pena! Aqui as casas incendiadas, arrazadas! Os templos abatidos! Ali as mãis apertando os filhinhos ao collo, fugindo espavoridas! Velhos, crianças, escravos, tudo enfim procurava na solidão das montanhas, no seio da habitação das fêras, nas grutas solitarias dos desertos, um abrigo contra a devastação, o incendio, e a morte!

GONÇ. Isto contado é feio, quanto mais la ao vivo! Diabo leve quem inventou a guerra!

GUIOM. Ah! meu filho, é um castigo da Providencia Divina!

BEAT. E meu pai, Valentim?

VAL. Vivo.

BEAT. E onde se acha?

VAL. Em caminho para aqui.

BEAT. E tardará muito?

VAL. Não. A seu mandado fui eu em procura de Volière....

BEAT. (*Rapidamente e alegre*). E lhe fallaste? Elle está bom? O que te disse? Conta-me, Valentim.

VAL. Escuta-me. Não sabendo como encontrei-o, servi-me d'esta farda de um official francez que encontrei morto....

GUIOM. (*Com horror*). E vestiste-a, louco?

VAL. Vêde. (*A' Beatriz e a Guiomar, que a examinão*). Está crivada de balas! Sabe o ceo se algumas não forão enviadas por mim!

BEAT. Meu Deus!

GONÇ. (*Nu rede*). E como se dizem estas cousas assim a sangue frio!

VAL. Pois bem; vestido assim, penetrei na cidade, levando um passaporto do Du Bocage, que serve de interprete entre nós e os francezes, e não sei tambem se de espião a dois carrilhos....

BEAT. E viste Volière?

VAL. Fallei-lhe.

BEAT. E elle o que te disse?

VAL. Que viria encontrar-se aqui com teu pai.

BEAT. Oh! quanto folgo! Que agradavel noticia!

GUIOM. E, o que virá elle cá fazer?

GONÇ. (*A' parte*). Tirou-me a pergunta da boca.

VAL. Isso agora é que eu não sei. Ah! minha mãe, estou a morrer de fome e de sede.

GONÇ. (*A' parte*). E' so do que eu não me queixo.

GUIOM. Pois vem comer alguma cousa.

BEAT. E ha esperança de salvar-se a cidade?

VAL. Os francezes não sabem o que hão de fazer d'ella! Ameação incandial-a. Estamos a espera do soccorro de Minas-Geraes, e Deus o traga a tempo, que o tal Sr. Dugay Trouin é homem de todos os diabos. Infelizmente não tivemos para lhe oppôr senão um governador mil vezes infame pela sua covardia! Mas Antonio d'Albuquerque ahi vem!

E se nos chega  
O tal reforço,  
Tambem esforço  
Hemos fazer,  
Que o francez inda  
Envergonhado,  
Por derrotado  
Temos que ver.

Eu tenho ouvido  
Que o tal megano,  
Por falta ou d'umino  
De munição,  
Recorre a meios  
Sem assombrosos,  
E aproveitosos  
A seus canhões!

Para pelouros  
Arranca os dentes,  
Que vão ardentes  
Inda morder!  
E para buxas,  
Faz o que pôde  
Do seu bigode,  
Sem se offender.

Venha o soccorro,  
Chegue o reforço,  
Que tal esforço  
Hemos fazer,  
Que o francez inda  
Envergonhado,  
Por derrotado  
Temos que ver

(*Val-ss.*)

GUIOM. (*Acompanhando-o*). Espera, Valentin; eu te acompanho.

## SCENA V.

BEATRIZ, GONÇALO *na rede*.

BEAT. Ah! como sou feliz! Renasce minha ventura e de novo a esperança me afaga. Não é um sonho vão que me vem sorrindo mentir as felicidades da vida. Tornarei a abraçar a meu pai, verei de novo Volière. E elles vivem! Os ceos ouvirão as minhas preces ardentes! E Deus, sempre bom e justo para comigo, me enxuga as faces a tanto tempo banhadas das lagrimas da saudade.

GONÇ. (*A'parte*). Estas meninas enternecem a gente, principalmente n'estes tempos!

## SCENA VI.

BEATRIZ, DAMIAO, *com o braço esquerdo atado ao peito*, GONÇALO *na rede*.

DAM. (*Entrando pela porta que ficou aberta*). Beatriz!

BEAT. (*Atirando-se nos seus braços*). Meu pai!

GONÇ. (*A'parte*). O' diabo, e a porta não ficou aberta! Ora fiem-se la no medo d'essa gente!

BEAT. (*Vendo o braço*). Que! Estaes ferido?

DAM. (*Disfarçando*). E' pouca cousa, Beatriz: uma bala...

BEAT. Uma bala!

GONÇ. (*Pondo a cabeça de fóra*). E não morreu de susto. Que ladrão!

DAM. Pelejava nas trincheiras de S. Bento, quando uma bala roçou-me o braço, mas levemente.

GONÇ. D'essas roçaduras é que eu tenho medo; se não matão, aleijão!

DAM. Ah! minha filha, os annos da patria se cobrirão de luto, quando commemorarem estes tristes acontecimentos, e a posteridade amaldiçoará connosco a esse pusilanime Francisco de Castro Moraes, que perdeu a cidade do Rio de Janeiro tão vergonhosamente! A' face do mundo fomos ludibriados pela sua covardia! Imbecil, ignorante, desprezou todos os bons conselhos, soffreu a valentia dos nossos, e tomou por triumpho a retirada do inimigo em seus ataques simulados.

GONÇ. (*A'parte*). Ainda elle fez mais do que eu faria.

BEAT. Que governador! E não podião nomear outro!

DAM. Quando n'essas occasiões terriveis falta a cabeça está tudo perdido; ninguem se lembrou d'isso.

GONÇ. (*Aparte*). E eu no caso d'elle era o primeiro a pedir que o fizessem!

DAM. Tudo nos foi desfavoravel! A esquadra que devia oppôr-se á entrada do inimigo, cortou as amarras e veio buscar abrigo sob as baterias da cidade. Não contente com isso, o mestre de campo de mar, esse Gaspar da Costa Ataíde, sobre quem repousavão as nossas esperanças, entregou as suas bellas náos ás ehammas e fugiu.

GONÇ. (*A parte*). Eu então que combata no lugar d'elles!

BEAT. Que vergonha! Ah! eu morreria devorada de opprobrio!

DAM. Não encontrando resistencia alguma, desembarcãrão os francezes em numero de quatro mil homens, divididos em tres brigadas. Dugay Trouin, o chefe atrevido e bravo, escreveu ao governador exigindo a entrega dos prisioneiros e dos assassinos de Duclerc; mais euergico em palavras do que em obras elle respondeu dignamente; seguiu-se para logo o bombardeamento da cidade.

BEAT. Ah! Valentin ja nos contou! Foi uma scena horrivel!

DAM. Atacamos por vezes o campo inimigo, e apesar do nosso corajoso entusiasmo, sempre nos retiramos, obrigados a obedecer ás ordens do governador. Hontem foi a cidade tomada de assalto; retiramo-nos e fomos estacionar no campo do Engenho Velho. Em vão Bento do Amaral, á frente dos estudantes, hastêa o pendão onde brilhão as armas do Rio de Janeiro: em vão brada elle a seus corajosos companheiros. « Sejamos fieis ao nosso dever! Deuses da honra, recebei estas victimas! Acabemos debaixo das ruinas da cidade que consagramos a S. Sebastião, que juramos defender; façamos gloriosa resistencia ao inimigo; vastas chammas devoradoras consummão antes os nossos bens, para que elles não os possam gozar. » Uma descarga de arcabuzeiros o prostrava, envolto em seu sangue, aos pés de seus guerreiros.

BEAT. (*Com enthusiasmo*). Oh quanto invejo a sua sorte!

DAM. Sim; é mil vezes melhor acabar entre as balas, cair debaixo das ruinas da patria, do que viver ignominiosamente, trazendo estampado na face o estigma da cobardia e quem sabe do que mais.

GONÇ. La isso são opiniões.

DAM. Hoje mandou-me o governador esta carta. So Volière nos poderá salvar.

BEAT. (*Lendo-a*). « Sr. Damião da Silva. Sei por informações particulares que sois um dos mais honrados negociantes estabelecidos no Rio de Janeiro; vossa adhesão á causa do paiz é assaz notoria; espero pois tirar partido da amizade e relações que entreteuides com o joven francez Eugène Volière, concorrendo d'esta maneira para a salvação de nossa boa cidade; o plano de Mr. du Bocage fálhou completamente. — Francisco de Castro Moraes. » (*Deixando a carta sobre a mesa; á Damião.*) Mas este du Bocage....

DAM. Prestou-se como espião e colheu de alguns soldados extraviados revelações importantes.

BEAT. E' o que elle quer agora de Mr. Volière, não é assim?

DAM. Nem outra cousa se depreheende de sua carta.

BEAT. E o que pretendeis fazer?

DAM. Expôr-lhe tudo e aconselhal-o

BEAT. Sim, é justo, e os vossos conselhos não poderão ser senão dignos, mui dignos de Volière.

DAM. E donde está Valentin? Quero lhe fallar o saber o que se passou entre elle e Volière.

BEAT. Eu vou chama-lo....



DAM. Não. (*Detendo-se*). Espera ; irei contigo.

BEAT. Sim, meu pai, vinde e vereis que anciosos aguardavamos a vossa vinda. Quero tambem ver e pensar a vossa ferida. (*Vão-se*).

## SCENA VII.

GONÇALO *sahindo da rede e olhando para todos os lados.*

GONÇ. Deixão a porta aberta e saão-se assim sem dizer tir-te nem guar-te ! E' celebre cousa, que eu sempre tivesse antipathia do estar so e que fujão de mim como de francezes ! Quem inventou aquelle auxim : « So se veja quem so se dezoja » não podia deixar de ser um sabio ou pelo menos padecia dos nervos.... como este seu criado. Mas se me retiro fica isto assim ao desamparo.... Será melhor fechar a porta.... (*Olhando para fóra*). Passos ? Ouço passos ! (*Escutando*). Parece que ahi vem gente. (*Toma o chuzo e empurra a porta de longe*). Quem quer que seja que bata primeiramente, que assim faz quem tem boa criação. Eu ainda aqui ! (*Deixa o chuzo comò que especcando a porta, porém sem segurança alguma*). Agora (*Andando de costas como que procurando a porta para retirar-se, mas olhando sempre para fóra*) aquella porta.... aquella porta.... aquella porta é o meu pezadello. Se ella se abre do repente.... Ah ! que so em pensar n'isso sinto uns calafrios..... Ella não está segura e um ataque pela retaguarda não é la das melhores cousas.....

VAL. (*Fóra*).

Venha o socorro,  
Chegue o reforço,  
Que tal esforço  
Hemos fazer,  
Que o francez inda  
Envergonhado  
Por derrotado  
Hemos que ver.

## SCENA VIII.

GONÇALO, VALENTIM, *que entra estouvadamente com a espada na mão desembainhada e abalroando-se com Gonçalo o fere no nariz que fica escorrendo sangue.*

GONÇ. Oh ! burro ! Oh ! estouvado !

VAL. (*Detendo-se*). Meu Deus, o que fiz eu ! Perdão, meu pai, perdão !

GONÇ. (*Com a mão co nariz*). Maltratar-me assim !

VAL. Sem querer ; bem vêdes que foi involuntariamente.

GONÇ. (*Vendo o mão*). Estou todo ensanguentado. Um homem de minha idade morrer com uma sangria d'estas. Ja me sinto sem forças !

VAL. Vinde, vinde ; eu vos curarei ; isto nada é ; passa com um pouco d'agua fria.

GONÇ. Nem mais uma palavra.

VAL. Meu pai !



GONÇ. Sahe, sahe da minha presença.

VAL. Attendei.

GONÇ. Ja te disse, Valentim; sahe, deixa-me pelo amor de Deus! Vai ver se te fazem o mesmo, que é o que precisas.

VAL. Pois bem, eu vos obedeço. (*A' parte*). Ora livrem-se la de uma d'estas! Com os francezes não tenho eu d'estes encontros, que senão deixal-os-hia sem narizes. (*Sahe, deixando a porta aberta*)

GONÇ. E' um louco, é um estouvado o um não sei que diga, que não vê o que faz, que não olha por onde anda, que diz o que não pensa, que tudo atropella, que nada respeita, que a nada attende, que obra quanto quer, que entra e sahe quando lho parece! E é meu filho! Oh tempos! Oh costumes de meus pais!

### SCENA VIII.

GONÇALO, VOLIÈRE, *que entra vagarosa e silenciosamente.*

VAL. Sr. Gonçalo!

GONÇ. (*Sem se voltar*). Esta voz... Oh que sutaque francez! (*A tremer*). E o demonio não me sabe o nome!

VAL. (*Batendo-lhe no hombro*). Sr. Gonçalo!

GONÇ. (*A' parte*). Agora... agora é que Valentim... é que Valentim me faz falta...

VAL. O que tendes?

GONÇ. (*A tremer*). O que tenho? (*A' parte*). Como se fosse da conta d'elle!

VAL. (*Insistindo*). O que tendes? Fallai!

GONÇ. (*A' parte*). Ah, ja percebo! Quer saber quanto tenho de meu! Eis ahi um saquo politico. (*Alto*). Eu... eu... nada.

VAL. (*Tomando-lhe a frente*). Meu Deus! Estais todo ensanguentado! Como se explica isto?

GONÇ. (*A tremer sempre, cahi de joelhos aos pés de Volière*). Ah! por piedade, Sr. francez... por piedade... sou um pobre velho... não me façais mal...

VAL. Oh! é original! Quem vos feriu assim, senhor?

### A DOUS.

VAL. O que tendes?  
GONÇ. Nada tenho.  
VAL. Quem feriu-vos?  
GONÇ. Não sou rico.  
VAL. Explicai-vos.  
GONÇ. Por piedade  
Me deixai; eu vos suppleo.  
E quereis assim } morrer.  
AMBOS. Eu não quero inda)

GONÇ. Por piedade!  
VAL. Sim, piedade;  
Eu de vós me compadeço.  
GONÇ. Vós?  
VAL. Sim, eu.  
GONÇ. Não creio.  
VAL. Crêde.  
GONÇ. Retirai-vos que vos peço.  
Quero só vos } soccorrer!  
AMBOS. Não podeis mo)

## SCENA IX.

GONÇALO, VOLIÈRE, GUIOMAR, *assustada.*

GUIOM. O que é isto? O que é isto?

GONÇ. Assassinarão-me! (*Cahe desmaiado*).VOL. (*Procurando levantar-o*). Oh que desgraça! (*A Guiomar*).  
Ajudai-me!GUIOM. (*Gritando desesperada*). Assassino! Assassino! (*Correndo e tomando o chuço investe para Volière*). Matastes meu marido!VOL. (*Querendo tirar a espada, mas sem poder, com Gonçalo nos braços*). Vêde o que fazeis! Socorrei antes vosso marido! (*Ameaçando-a*). Quando não largal-o-hei e...GUIOM. Não gosto de meias palavras. E pelo sim, pelo não, mato-vos também. E' sempre um francez de menos. (*Dá-lhe uma chufada*).VOL. (*Defendendo-se e deixando Gonçalo prostrado por terra*).  
Contende-vos, senhora, que esta espada...GUIOM. (*Procurando ferir-o*). Qual espada nem espada; eu ca sempre sou mulher para um, dous, tres homens, e quando não, vêde.VOL. (*Partindo o chuço com a espada*). Eis ahí a prova. Sou mais generoso do que vós. (*Deixando a espada*). Agora vinde socorrer o vosso marido. (*Levantando-o*). E sabeis...

GUIOM. E sabeis o que? Ainda uma ameaça? Como sois generoso!

VOL. E sabeis que não fui eu quem o ferí.

GUIOM. (*Chegando-se para o marido*). E quem foi então?

VOL. Já o encontrei aqui e assim todo ensanguentado.

GONÇ. (*Passando a mão pela testa*). Foi... foi...VOL. }  
GUIOM. } Quem?

VOL. Fallai!

GUIOM. Dize, Gonçalo! Dize, que te vingarei. Ainda tenho este tóco!

GONÇ. (*Tornando a si*). Foi Valentim.GUIOM. } Valentim!  
VOL. }

GONÇ. Sem querer... Estouvadamente.

VOL. Ah! comprehendendo! Eis como ellas se armão sem que se espere! Eu não vol-o dizia, senhora? Encontrei-o aqui, assim, banhado em sangue e tremulo como varas verdes.

GUIOM. Qual Valentim!... Elle não está em si; o que elle quer dizer é Volière.

VOL. Sois pertinaz, teimosa em demasia! E' incrível! Em que vos offendi para merecer odio tão implacavel e tão constante?

GUIOM. Não creio senão que fosseis vós, e tenho dito. Quereis saber de uma cousa?

VOL. Fallai.

GUIOM. Ponde-vos la fóra sem mais tardança; aqui nada tendes

que fazer. Vamos, vamos, aviai-vos. Olhai. Entrastes por alli, e é por ali que tambem se sahe. Ide-vos, e ja!

VOL. Vim a chamado do Sr. Damião da Silva, e não foi por certo para receber os vossos insultos. Não saio.

GOÇ. A verdade sobre tudo. Agora vejo que sois o Sr. Volière; peço-vos perdão. Valentim sahia com a espada desembainhada e feriu-me. (*Animando-se*). Aquelle estouvado! (*Animando-se*). Veio cantando, gritando e levando tudo adiante de si. Ah! quasi que me mata!

VOL. E o que dizeis agora?

GUIOM. Ainda não creio.

GOÇ. Acreditai-me, Guiomar. O Sr. Volière entrou depois e eu desconheci a sua voz; não ouvi senão o sutaque francez, e o sutaque francez é horrivel, detestavel... queima como halito infernal. (*A' Volière*). Perdoai-me, senhor, perdoai-me! Pensei que ereis o chefe de uma quadrilha de saqueadores, ladrões, ladrões em portuguez nu e cru, e ladrões que ja me punhão as unhas em cima e fazião o rol da minha roupa. (*A Guiomar*). Ah! e quando elle me tocou o hombro com sua mão! E que mão, Guiomar, que mão! Pezava e escaldava como a mão de Satanaz! E eu em calafrios.... em calafrios como nunca tive nem nunca mais terei em dias de minha vida!

GUIOM. E porque não gritaste, poltrão? Não sabes que tens uma mulher que não se deixa intimidar ahi com qualquer cousa?

GOÇ. Gritar! Pois grita-se sempre que se quer? E tinha eu forças para isso, eu que tremia desde os pés até as pontas dos cabellos?

GUIOM. Banana! Vem cuidar da ferida e deixemos o Sr. Volière... (*Com ironia*) muito á sua vontade.

GOÇ. (*A Volière*). Sentai-vos, senhor. (*A Guiomar*). Vamos, que hoje hei de rezar duas cordas pela minha resurreição.

VOL. Amen. (*A' parte*). E' um casal original! A mulber é o marido, e o marido é a mulber. Oh! D'estas trocas temos tambem aos centos la pela nossa França. (*A elles que se retirão*). Ide-vos em paz e deixai-me em descanso.

## SCENA X.

VOLIÈRE so, passeiando pela sala.

Ja posso enfim respirar! Ah! maldita guerra que me tens privado de tanta felicidade. Beatriz!... Sem vel-a!... Ah! não posso chamar vida os dias que passei distante d'ella! d'ella que ja devia ser minha consorte, —d'ella que é o meu passado de esperanças e amores, —d'ella que é o meu futuro de realidades e venturas! Sonho do coração e da alma que tantas delicias me tens mentido, imagem querida que foge o que torna como a onda sobre a praia, ah! tu serás um dia uma realidade!

Meu anjo divino,  
D'esta alma ventura,  
Da vida doceira,  
Minha Beatriz;

Comtigo ditoso,  
Sem ti desgraçado,  
Irei desprezado  
Morrer infeliz.

E Beatriz sem apparecer! Oh! extinguir-se-hia o amor que me tinha, aquelle amor tão puro, tão innocente... Oh! não por certo, que ainda vives e eu vivo igualmente. (*Vendo a carta sobre a mesa*). Esta carta... aberta. Oh! ahí está meu nome... E' possível! Trata-se do mim! (*Lendo-a*). Eugène Volière! E' do governador a Damião. (*Depois de lê-la em voz baixa e rapidamente*). Que infamia! Julga-me tão desprezível como o traidor do Bocage. (*Afferta a carta entre as mãos e atira-a ao chão*). Faço o que elle deveria ter feito. E é para isto que me mandou chamar? A indignação me abafa o coração! E' uma desgraça que nem sempre sejamos comprehendidos!

## SCENA XI.

VOLIERÈ, BEATRIZ.

BEAT. Volière! (*Pausa; Volière nada responde*). Oh! estais mudo? Meu Deus, que olhar terrível... tuas faces... tuas faces são do fogo! O que tens, Volière?

VOL. E' a colera que me reflecto do coração.

BEAT. E' possível!

VOL. Não tenho eu dentro no peito o inferno?

BEAT. Out'ora dizias que era um vulcão, mas um vulcão de amor.

VOL. Amor, sonho de amantes, realidade que brilha nas trevas do futuro, e que jamais se realisa.

BEAT. Explica-te. Não te comprehendo. Falla, diz o que tens. Da-se acaso que eu te offendesse? Ah! se o fiz, foi, acredita-me, Volière, juro-o por nosso amor, foi involuntariamente.

VOL. Ah! essa carta...

BEAT. A carta!... E eu bem previ tudo isso. Perdoa-lhas essa infamia; elles não te conhecem; não leem como eu leio no intimo de teu coração a nobreza, a lealdade de tuas intenções...

VOL. Suppozêro-me igual a um Du Bocage, o francez que de sobre as trincheiras de S. Bento metralhava os seus compatriotas; que disfarçado interrogava os soldados dispersos, as sentinelas avançadas de Duguay Trouin... e vinha depois depor, como delator, e receber o premio de seus bons officios. E teu pai, Beatriz, mandarme chamar sem duvida...

BEAT. Oh! nunca!

VOL. Nunca? Sabeis porventura quaes são seus designios? Ah! faze-me o favor; vai chamal-o; diz-lhe que eu aqui estou.

BEAT. Bem, mas primeiramente o que pretendes?

VOL. Exigir uma explicação, e caso não me satisfaça...

BEAT. Ah, Volière, ameaças...

VOL. Rompereí com elle e... recusarei a tua mão.

BEAT. Que! E conseguil-o-heis? Aonde está esse poder que vos levará a tanto?

VOL. O mesmo que vos levaria a repudiar-me para sempre e até mesmo, Beatriz, a odiar-me, a votar-me o maior desprezo.

BEAT. E qual é elle? Dize-o por piedade.

VOL. A honra.

BEAT. Sim, é justo; tens razão; comprehendo-te. Exiges de meu pai uma satisfação tremenda. Desafia-o. Haja entre elle e tu um duello horrivel, sanguento, e a morte te outorgue o seu triumpho. (*Animada*). Pobre pai, teu braço enervou-se ao serviço da patria, abateu-se ás balas das bombardas francezas, desfez-se em sangue... mas este braço, o braço de tua filha, o braço de tua Beatriz; esta mão emfim que Volière recusa, animar-se-ha para combater por ti.

VOL. Beatriz! Beatriz! ah, não falles assim! isso é matar-me.

BEAT. Mas não; deixarei que meu pobre pai se desforre por si mesmo. Contas com o teu triumpho, Volière? Tua mocidade falla por ti. Mas vê; a tua victoria terá por adôrno as minhas lagrimas! Eu que esperava trajar-me de galas nupcias, coroar-me das flores virginaes, e ir ante o altar offerecer-te a minha dextra, irei coberta de luto ante o tumulto paterno pedir nas minhas preces ardentes vingança contra ti, e Deus so compadecerá de uma pobre orphã.

VOL. Ah! Maldição sobre quem envenenou nossos amores e lançou a discordia entre os nossos braços. Mas, por piedade, conserva-me sempre a lembrança de nossa passada ventura. Lembra-te de quem poderia ser teu sempre e que emfim te deixa. Adeus, Beatriz, adeus!

BEAT. Que! E assim me deixas?

VOL. (*Tristemente*). Um dia conhecer-me-hão melhor; far-me-hão justiça; buscar-me-hão. Por agora so me cumpre aguardar esse dia. O tempo, so o tempo me justificará ante Beatriz e seu pai, ante o Brasil e a França

BEAT. Não, não partirás; exporei tudo a meu pai; farei ver o teu resentimento; elle se explicará a teu respeito e a concordia estreitará os laços da amizade que se afrouxarão tão do repente.

VOL. Ah, Beatriz, tu exiges de mais.

BEAT. E meu coração, Volière, não valerá alguma cousa?

VOL. Muito! Muito, Beatriz!

#### A DOUS.

VOL. Esta chama,

BEAT. Chamma pura,

AMBOS. Teu em mais tua pyra ardente;

VOL. Pois é casto,

BEAT. E' innocente,

VOL. Nosso amor,

BEAT. Nova paixão!

AMBOS. (Abenço o ceu clemente

(Nosso amor, nossa união!

#### SCENA XII.

VOLIÈRE, depois GUIOMAR.

VOL. Ainda ninguém sabe o importante serviço que prestei; sem

duvida tambem o governador não o sabia quando escreveu essa carta. Breve, muito breve reconhecerão o bem que fiz, e o meu nome será abençoado de um extremo a outro d'esta bella e maravilhosa terra, imagem do paraizo celeste.

GUIOM. Oh! ainda ca estaes?

VOL. (*A' parte*). Sempre esta abominavel mulher! Que não houvesse uma balla para ella! (*A Guiomar*). Espero o Sr. Damião.

GUIOM. Ja ahi vem, e deve estar muito satisfeito convosco.

VOL. Pelo que?

GUIOM. Ora pelo que! (*Com ironia*). Pois não sabeis que os Srs. francezes estão bem vistos, bem quistos, amados e queridinhos? Estou vendo que ainda o ignoraes. Que noticias tendes? Deveis ter ouvido muitas cousinhas boas, feitos estrondosos, mentiras a dar e a vender, que la se parecem com verdades. Dizei-me, mas perdão pela curiosidade, em quanto andou o saque de nossas casas? Os vossos navios devem estar abarrotados? Trouxerão polvora e balas e agora levão ouro e diamantes. O negocio assim mesmo não é la dos peores, e queira Deus não lhes fique a manha com o engodo.

VOL. Nunca tendes senão expressões calumniosas e calculadamente offensivas,

GUIOM. Se as palavras offendem, quanto não offenderão as aggressões armadas? Felizmente meu irmão chega. Voreis agora se elle ainda está de accordo a casar a sua bella filha convosco, que para maior peccado até creio que ainda estaes por vos baptizar.

VOL. E porque dizeis isso?

GUIOM. Elle vos explicará melhor do que eu,

VOL. (*A' parte*). Deus formou a creatura á sua imagem, mas o diabo poz esta a seu geito. Pobre marido! D'estes é indubitavelmente o reino do ceo.

### SCENA XIII.

VOLIÈRE, GUIOMAR, DAMIÃO, BEATRIZ.

DAM. Sr. Volière.

VOL. Sr. Damião.

DAM. Sei que vos agastastes...

BEAT. Estas vozes... (*Todas escutão*).

ESTUD. (*Fóra*).

A cidade resgatada,  
Libertada dos horrores;  
Vencidos e vencedores

Unidos agora são!  
Nossas preces pois subam  
A divina protecção.

### SCENA XIV.

VOLIÈRE, GUIOMAR, DAMIÃO, BEATRIZ, VALENTIM, ESTUDANTES,  
depois GONÇALO.

VAL. Alviçaras! Alviçaras, que trago boas e frescas novas!

DAM. O que succedeu ?

BEAT. Que houve ?

VAL. O que temos ?

GUIOM. O que foi ?

VAL. A cidade acaba de ser resgatada !

TODOS. Resgatada !

GONÇ. (*Entrando*). Ha que tempos que não ouço cousa que mais me alegre. (*Toma a ponta do chupo e vai postar-se entre os estudantes*). Este ca quebrou-se na defesa. E digão la que não é um bom documento !

VAL. Os meus amigos e collegas acabão de me dar tão importante nova !

1° EST. Os taes maganões começãrão a receiar o soccorro de Minas.

2° EST. E ião pôr fogo á cidade.

3° EST. E fazião-no sem dó nem compaixão.

VAL. Mas valeu-nos um francez, estabelecido entre nós, que lhes escreveu pedindo que poupassem á humanidade tantos estragos e horrores; que exigissem antes resgate pela cidade, que havia muito dinheiro; fizerão pois semelhante proposição.

2° EST. E o governador promptamente annuiu a ella.

VAL. Mas que demonio de homem ! Se demora a cousa por um minuto serião espulsos os francezes com o soccorro de Minas.

DAM. Pois chegou ?

1° EST. Sim, mas nada se fez.

3° EST. O tal governador ja para la tinha mandado uma meia duzia de officiaes em refens aos seis centos e tantos mil cruzados, que tanto nos custa o resgate !

BEAT. E o nome d'esse francez de que fallas ?

GUIOM. Talvez Du Bocage...

OS EST. Não. Não. Não.

VAL. (*Apontando*). Eil-o ahi.

TODOS. Eugène Volière !

BEAT. Eu nunca me enganei com elle !

VAL. Ora da-me ca um abraço de amigo !

VOL. (*Depois de abraçar Valentim*). Fiz o que pude pela patria adoptiva, não podendo ser contra a França, minha terra natal.

DAM. (*A Volière*). Meu filho ! (*Abraçando-o*). Eu vos apresento o noivo de minha Beatriz !

GUIOM. (*A parte*). Infelizmente. (*A Volière*). Triumphastes, senhor, e tão nobremente que não posso deixar de vos applaudir.

VOL. Obrigado.

GUIOM. (*A Beatriz*). Estás contenta ?

BEAT. Pulo de alegria.

VAL. (*A Beatriz*). É um noivo que faz inveja. (*A Guiomar*). E querieis, minha mãi, que eu competisse com elle ?



GOXÇ. Uma lembrança. Valentim, que não tarda a tomar ordens, celebrará as nupcias.

VAL. Padre? Padre? Eu ca feito padre? Isso tinha muito que ver! Já não ha necessidade d'esses senhores, meu pai. E quem sabe agora d'elles? Dizem que estão la para a Tijuca com as barbas de milho nas aguas da cascata, enquanto as nossas pegavão fogo com o chamusco francez. O que precisamos é de soldados! Quero ser militar, embora um carioca não passe de capitão. Se os senhores da frota voltarem para o anno, já não serei bisonho.

GOXÇ. Que filho valente tenho eu!

VAL. Parece-se mais com a mãe do que com o pai.

GUIOM. Quem sahe aos seus não degenéra.

GOXÇ. Pois, rapaz, sê la o que quizeres, e deixa-me.

DAM. A paz volta de novo. Bellos e serenos dias succedem a tantos horrores e calamidades. Meus filhos (A' *Unité e Beatriz*) ditosa par de amor, vivei felizes no seio da verdadeira ventura.

Todos.	Felizes, Queridos, Unidos Assim,		Desfrutem Venturas, Doçuras Sem fim.
--------	---	--	---

VAL.	O' par sagrado e bello!
DAM.	O' ditosa unido!
GUIOM.	A' patria tão preciosa!
Todos.	E á nossa salvação.

Todos.	Felizes, Queridos, Unidos Assim,		Desfructem Venturas, Doçuras Sem fim.
--------	---	--	--

BEAT.	Recebe a minha dextra,
VAL.	E' de união penhor;
AMBOS.	E eterno em nossos peitos Será o casto amor.

Todos.	Felizes, Queridos, Unidos Assim,		Desfructem Venturas, Doçuras Sem fim.
--------	---	--	--

(*Desse o pano brandamente*)

FIM DA OPERA COMICA.

J. NORBERTO DE S. S.